

Imigração, Moda e Gênero:

o caso da Lebelson Modas (1930-1990)

Immigration, Fashion and Gender: the case of Lebelson Modas (1930-1990)

Marissa Gorberg

Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, com participação, como bolsista CAPES, do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, junto ao King 's College London. É autora dos livros *Belmonte: caricatura dos anos 1920*, finalista do Prêmio Jabuti em 2020 na categoria Ciências Humanas, e *Parc Royal: um magazine na belle époque carioca*. Marissa integra o grupo de pesquisa *Imprensa e Circulação de ideias: o papel de jornais e revistas nos séculos XIX e XX*, coordenado por Isabel Lustosa (FCRB) e Tania de Luca (UNESP/Assis).

marissagor@gmail.com

RESUMO: Entre os anos 1930 e 1990, a loja Lebelson Modas atuou no varejo de roupas femininas do Rio de Janeiro, com filiais no Centro e em Copacabana. Fundada por Chana e Israel Lebelson, imigrantes judeus russos que chegaram à cidade em 1923, a trajetória daquele estabelecimento, bem como de seus protagonistas, se afigura um objeto privilegiado de pesquisa. A utilização metodológica da História Oral, somada às análises bibliográficas e documentais, é capaz de iluminar um ponto de vista que leva em conta as relações entre gênero, classe e etnia, trazendo à tona — para além da gênese de um mercado comercial e das transformações materiais da moda — a elaboração de concepções identitárias forjadas em meio a políticas migratórias restritivas e à moral social tradicional hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; Moda; Gênero.

ABSTRACT: Between the 1930s and 1990s, the Lebelson Modas store operated in the women's fashion retail sector in Rio de Janeiro, with branches located in the city centre and Copacabana. Founded by Chana and Israel Lebelson, Russian Jewish immigrants who arrived in the city in 1923, the history of this establishment, as well as that of its protagonists, is a privileged research subject. The use of oral history, combined with bibliographic and documentary analysis, sheds light on a perspective that takes into account the relationships between gender, class and ethnicity, disclosing — beyond the genesis of a commercial market and the material transformations of fashion — the development of identity concepts forged amid restrictive immigration policies and traditional hegemonic social morals.

KEYWORDS: Immigration, Fashion, Gender.

Introdução

A contribuição dos imigrantes judeus no processo de consolidação do varejo de moda no Rio de Janeiro tem sido reconhecida na historiografia, em investigações direcionadas a atores da criação ou casas relevantes. Há estudos que destacaram a atuação dos comerciantes voltados ao ramo de roupas populares, localizados na Saara, no Centro da cidade (Ribeiro, 2015, p. 119-211; Prado, 2019, p. 223-230). Outros trataram de *maisons* que dominaram a alta moda em torno dos anos 1940, como a Casa Canadá, fundada por Jacob Peliks em 1928 (Rainho, 2019, p. 212; Seixas, 2020).

Em que pese essas iniciativas, há uma carência de análises sistemáticas sobre empresários judeus imigrantes que exerceram papel fundamental na comercialização e confecção do vestuário no Rio de Janeiro, um fenômeno que remonta aos especialistas franceses instalados na Rua do Ouvidor desde o século XIX (Grinberg, 2005, p. 203; Tucci, 2021, p. 62-70).

E, se há lacunas sobre a participação judaica na moda carioca, menos se sabe sobre a agência de mulheres judias nas empresas que concorreram para o seu desenvolvimento. São poucos os trabalhos que articulam categorias de etnia, gênero e classe ao tratar da imigração judaica no Rio de Janeiro, à exceção daqueles versados sobre as chamadas “polacas” e sua relação com a prostituição (Samet, 2019; Kushnir, 1996). A atuação, a percepção e as conquistas de mulheres judias economicamente ativas no setor de vestuário não receberam ampla divulgação.

A partir de um estudo de caso, centrado na trajetória da Lebelson Modas, pretendemos iluminar uma das muitas experiências vivenciadas por aqueles que, refugiados do país de origem, buscaram abrigo no Brasil e conseguiram se estabelecer, dando sequência em suas vidas e constituindo suas famílias, baseados em esforços concentrados na venda de roupas.

Através do exame das condições que propiciaram a fundação da loja e sua permanência, do tipo de produto que ofereciam, das estratégias de venda que utilizavam, do público a quem se destinavam, do modelo de administração adotado, das escolhas de seus dirigentes e da repercussão de suas atividades, é possível divisar uma série de práticas comerciais e comportamentais, além de processos de integração e mobilidade social.

Pretendemos iluminar o ponto de vista feminino, tanto das protagonistas que estiveram à frente do extinto estabelecimento, como daquelas que perpetuaram sua memória. Além das análises documentais e bibliográficas, a História Oral foi adotada como metodologia, visando dar voz a depoentes que, inseridas em um contexto familiar, estabeleceram uma estreita conexão com o passado que desejamos alcançar.

Foram entrevistadas uma filha, netos e sobrinhos-netos dos fundadores da loja, cujas vidas foram profundamente influenciadas por aquele estabelecimento comercial. Como sabemos, é preciso estar atento às armadilhas da memória, balizando os significados subjetivos que orientam os indivíduos em suas construções narrativas (Ferreira; Amado, 2006). Não obstante, os relatos orais acenam com reminiscências, tanto individuais como coletivas, plenas de detalhes, possibilitando a recuperação de aspectos desconhecidos.

Inserida em um espaço-tempo historicamente mediado, a Lebelson Modas testemunhou, ao longo de 6 décadas, profundas transformações econômicas, sociais e culturais no Rio de Janeiro, intrinsecamente atreladas a seu percurso. Em uma via de mão dupla, visamos flagrar de que modo a Lebelson Modas também foi capaz de interferir em dinâmicas próprias de sua realidade, ajudando a conformar noções de gênero e etnia em meio à expansão de um mercado de moda.

Elas e a moda

Chana Landau nasceu na cidade de Minsk, então pertencente ao Império Russo, em 2 de abril de 1899,ⁱ filha de David Landau e Estella Landau, a quinta filha de sete irmãos: Usher, Frida, Isaac, Beila, Jankiel e Czarna (Spector, 2025). Lá ela teria conhecido seu marido, Israel Lebelson, natural da mesma cidade, conforme seus passaportes. A atual capital da Bielorrússia possuía uma expressiva comunidade judaica, presente naquele local há cerca de 5 séculos, que totalizava cerca de 50.000 pessoas no final do século XIX, correspondentes a mais da metade da população (Leichter, 1975).

O antissemitismo e a perseguição aos judeus, no entanto, eram uma constante que se manteve através das turbulências políticas e militares que marcaram aquela região. Minsk foi subjugada pelos bolcheviques em novembro de 1917, pelos alemães em 1918 e pelos poloneses em 1919, com a perpetração de violentos pogroms (Rozin, 1975, p. 7-22).

A família de Chana Landau possuía uma vida confortável: “Vovó dizia que eram um dos poucos a terem carruagem” (Voloach, 2025). Mas, fossem abastados ou desprovidos, diante dos ataques antissemitas os judeus se tornavam alvos, indiscriminadamente:

Em 8 de agosto de 1919, as tropas polonesas tomaram a cidade de Minsk dos russos bolcheviques. [...] 81 judeus foram assassinados pelos soldados. [...] Duas dessas mortes foram decorrentes de saques, mas o resto foi devido, ao que tudo indica, apenas pelo fato de as vítimas serem judeus. Durante a tarde e a noite do dia 8 de agosto, soldados poloneses, com a ajuda de civis, saquearam 877 lojas, todas pertencentes a judeus. Lembre-se que eles possuíam cerca de 90 por cento das lojas de Minsk. [...] As casas de muitos judeus também

foram invadidas por soldados, seus habitantes espancados e roubados. (Morgenthau, Strother, 1922, p. 432)

Chana Landau teria presenciado um massacre em uma sexta-feira, data que ficou marcada em sua memória como traumática (Lebelson, 2025). Embora não seja possível indicar o pogrom de 8 de agosto de 1919 em Minsk como o motivo específico que a teria impactado, é de se notar que ele aconteceu em uma sexta-feira. E certamente não foi o único. Acredita-se que houve um deslocamento da família Landau, assim como de Israel Lebelson, de Minsk para Varsóvia (Schachter, 2025). Com a morte de David e Esther Landau, Beila e Usher foram para a Palestina, mas ele retornou para a Polônia (Alexandra, 2025). Os outros irmãos, Isaac, Frida, Chana e Czarna ficaram na Polônia com o tio, irmão de David Landau (Spector, 2025). Chana partiu rumo às Américas junto com seu companheiro em 1923, provavelmente devido às difíceis condições de vida que enfrentavam face às constantes perseguições. Como a grande maioria de judeus acoissados, preferiam ir para os Estados Unidos, onde seriam inclusive recebidos por amigos ou parentes (Voloch, 2025).

No entanto, nos anos 1920 uma série de leis restritivas à imigração passou a limitar a entrada lá, assim como no Canadá e na Argentina; juntamente com o país norte-americano, eram os destinos mais visados por quem buscava escapar da pobreza, do preconceito, do recrutamento forçado para exércitos nacionais. O Reino Unido também possuía restrições; poucos tentaram a Palestina. À medida que a situação política se agravou na Rússia e na Polônia, não eram muitas as opções de fuga. O Brasil se tornou, assim, um destino mais procurado desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Entre 1920 e 1928, a população judaica no país triplicou, de 10 para 30 mil pessoas (Lesser, 1995, p. 59-96; Maio, 2005, p. 436).

Naquele momento, o Brasil mantinha uma política de abertura à imigração,

incentivando a entrada de estrangeiros para abastecer mão de obra na agricultura, ocupar o vasto território nacional e interferir na composição étnica dos brasileiros. Sob influência de ideias eugênicas que identificavam a “questão racial” como o grande problema nacional, as classes dirigentes pretendiam exercer uma seleção social para promover o “branqueamento” da população. Até os anos 1930, era relativamente fácil para um branco europeu imigrar para o Brasil, sem que houvesse significativas restrições religiosas ou culturais (Koifman, 2012, p. 27).

No Rio de Janeiro o judeu imigrante poderia ser amparado por instituições comunitárias recentemente formadas de caráter social, econômico e religioso, incluindo sinagogas, bibliotecas, asilos para idosos, escolas, imprensa, funerárias e restaurantes. Organizações internacionais como a Jewish Colonization Association, Joint e Hias providenciavam desde o custeio da viagem até a hospedagem inicial (Lesser, 1995, p. 61-84; Cytrynowicz, 2005, p. 287-314). A riqueza de recursos encontrados na cidade fez com que ela se tornasse o mais importante pólo de recepção de judeus entre os anos 1920-1940, em comparação com outros centros urbanos como São Paulo, Porto Alegre ou Recife (Lesser, 1995, p. 61-84; Lesser, 1991, p. 27-31).

Após embarcarem em Cherbourg no vapor *Almanzora*, Chana e Israel aportaram no Rio de Janeiro em 24 de abril de 1923,ⁱⁱ ela com 24, ele com 27 anos, trazendo consigo algumas joias para tentarem investir em suas “novas” vidas (Lebelson, 2025). Não à toa, Israel Lebelson costumava dizer que “todo judeu deve ter passaporte, dólares e joias em dia” (Voloch, 2025), um leitmotiv próprio de quem vivenciou a necessidade de fuga, algo comum entre seus ancestrais.

Na lista do navio, embora constem como casados, Chana está com o sobrenome de solteira (Landau). É possível que ela e Israel não fossem ainda civilmente casados e tivessem realizado na Europa apenas o casamento religioso com uma *Ktubá*, o contrato de casamento segundo a

tradição judaica. Em 28 de maio de 1924, casaram-se civilmente no Rio em regime de comunhão total de bens, com duas testemunhas da comunidade judaica local,ⁱⁱⁱ cerca de dois meses após o nascimento de sua primeira filha, Rivca Lebelson, em 12 de março daquele ano. O casal teve mais 4 filhas, Stella, Sarah, Dora e Elizabeth, nascidas respectivamente em 1926, 1928, 1931 e 1941.

As nacionalidades que aparecem nos registros de entrada, no processo de naturalização e nos documentos brasileiros que o casal adquiriu refletem a turbulência e as mudanças políticas da região de procedência, somados a seus deslocamentos: entraram como “polacos”, mas foram registrados como russos.

Chana Landau poderia ter lembranças de tempos abastados, mas ao invés de “carruagem”, ela e Israel Lebelson fizeram o trajeto entre Cherbourg e o Rio de Janeiro a bordo da 3ª classe juntamente com vários outros judeus, um indício de que a passagem pode ter sido paga por uma organização de ajuda judaica. Ou que eles acharam prudente economizar ao máximo o dinheiro que tinham, por não saber com certeza a que situação estariam sujeitos no novo país. As passagens de 2ª e, especialmente 1ª classe eram muitos caras; por outro lado, as condições de viagem nas 3ªs classes eram muito ruins e difíceis. Coincidentemente, no mesmo navio, em condições análogas, estavam também os russos Antchel e Sura Shterental, que na época não conheciam os Lebelson, mas depois se tornariam sogros de sua quarta filha, Dora Lebelson Sterental.

Os recém-chegados costumavam se instalar em hospedarias e quartos para aluguel no Centro. O endereço declarado na Certidão de Casamento dos Lebelson era a antiga Rua Senador Euzébio, nº 140. O logradouro ficava na Praça XI, bairro que aglutinou grande concentração de judeus e negros no início do século passado, atraídos pela proximidade do Porto e pelos baixos custos de moradia.^{iv}

Na mesma pensão de Chana e Israel teria morado também o argentino José Tjurs, filho dos imigrantes judeus russos Elza e Isaac Tjurs (Lebelson, 2025). A família Lebelson manteve laços de amizade por décadas com “Seu Tjurs”, que viria a se tornar um expoente da hotelaria, proprietário do Hotel Nacional e do Hotel Jaraguá, entre outros empreendimentos.

Com a ajuda de Natan Kaufman, que trabalhava em uma agência judaica de ajuda internacional, Chana Lebelson trouxe sua irmã Czarna Landau para o Rio de Janeiro, e aqui ela se casou com Luiz Kaufman, irmão de Natan, em 1925. Tanto Chana como Czarna, que no Brasil passou a ser chamada de Cecília, desenhavam e costuravam muito bem (Spector, 2025).

Chana deve ter trabalhado como modista “para fora” no início da vida no Brasil (Lebelson, 2025). As dificuldades que ela e o marido enfrentaram nas tentativas de empreender transparecem na falência de Israel Lebelson, requerida por Ricardo Musafir e Alberto Rakib & Irmão,^v decretada em setembro de 1927,^{vi} com títulos protestados por credores como Elias Rotsky^{vii} e o *British Bank*.^{viii}

Após superar adversidades, o casal inaugurou sua primeira *Lebelson Modas* na Rua do Passeio nº 42 em 1933, data de aprovação do letreiro da loja pela Sub-Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal.^{ix} As butikques de moda refinada eram concentradas nas ruas Gonçalves Dias e imediações, tornando mais caros os aluguéis naquele logradouro (Lopes, 2014, p. 71). Por outro lado, a *Lebelson* da Rua do Passeio ficava ao lado do cinema Palácio, à direita, e da Mestre & Blatgé, à esquerda. A loja poderia se beneficiar do público que deveria afluir para o quarteirão, tanto para ver filmes como para comprar de geladeiras a bicicletas na firma vizinha que deu origem à Mesbla.

Um incêndio atingiu aqueles prédios naquele mesmo ano, mas o seguro que possuíam na *Companhia Sagres* deve ter ajudado a cobrir os prejuízos.^x A loja deu sequência às atividades obedecendo à periodicidade sazonal dos

lançamentos típica do sistema da moda, com remarcações entre uma e outra estação. As liquidações alardeadas “a preços baratíssimos”^{xi} fazem pensar em uma clientela de classe média letrada, com condições para consumir os jornais, mas nem por isso desinteressada em oportunidades de baixo custo.

Demonstrando talento para o que hoje denominamos *marketing*, a *Lebelson* passou a colaborar com eventos beneficentes e vestir mulheres em posições de destaque, atrelando sua marca a celebridades da época. No “Baile das Atrizes” de 1934 realizado no Teatro João Caetano, em prol da Casa dos Artistas, a loja ofereceu a Olga Navarro, candidata ao posto de Rainha, “uma lindíssima toilette”, angariando com isso divulgação nos principais periódicos.^{xii}

Em 1936 a loja entrou em obras após liquidar seus estoques de vestidos, chapéus, *manteaux*, *tailleurs* e quimonos de seda bordados.^{xiii} A reinauguração foi amplamente anunciada^{xiv} com direito a fotos da fachada, da família e clientes na reabertura:

Figura 1: Em cima, a fachada da loja com vitrine dupla e letreiro elétrico.^{xv}
Embaixo, Israel e Chana Lebelson, no centro, com suas filhas Regina, Stella, Sarah e clientes.



Fonte: *Correio da Manhã*, n. 12.912, 13/12/1936, p. 27.

O investimento não se restringia às instalações. O estabelecimento buscou se revestir de uma série de atributos de distinção, almejados por um público de elite. As prerrogativas de “modernidade” e “francofilia” descritas na matéria do *Correio da Manhã* estavam alinhadas a marcadores de status valorizados pelas camadas sociais mais altas. Paris se mantinha como centro irradiador da moda mundial, matriz de “elegância” e “bom gosto”; por sua vez, a ideia de um ambiente “com todos os requisitos modernos” inseria a loja no compasso acelerado do progresso urbano, com todas os predicados materiais e simbólicos que ele poderia proporcionar.

Aquela reinauguração constituía uma série de padrões que passaram a ser seguidos ao longo dos anos: a oferta de modelos estrangeiros, a disponibilidade de um ateliê de costura, a divulgação junto à mídia impressa, fartura de comida e bebida nos eventos da loja e decoração esmerada de seus ambientes.

O modelo de negócios adotado parecia reproduzir o que era praticado pelas butiques consideradas “as mais chiques” como *A Imperial*, *A Moda*, *A Exquisita*, situadas na Rua Gonçalves Dias; *A Capital*, na Av. Rio Branco; *Peleteria Canadá* (que depois seria reconfigurada na *Casa Canadá*) e *Real Moda*, na Rua Uruguaiana, apenas para citar algumas.^{xvi}

A importação de produtos de países centrais se afigurava crucial para a maioria dessas butiques, que faziam questão de propagandear a chegada de novidades d’além-mar:

Uma grata notícia para as elegantes cariocas
Pelo Cap Arcona, o luxuoso transatlântico alemão que faz
a linha Sul-Americana, acaba de regressar ao Rio o
comprador da “IMPERIAL”, que desde Janeiro se
encontrava em Paris, onde adquiriu tudo o que de mais
belo se possa imaginar em vestidos, manteaux, costumes,
chapéus e adornos.^{xvii}

A julgar pela frequência com que Chana e Israel Lebelson viajavam para a Europa e para os Estados Unidos, conforme os registros dos respectivos passaportes, a importação de peças estrangeiras deveria ser a espinha dorsal de suas atividades. Além da revenda, os modelos poderiam ser copiados, expediente utilizado pelas lojas de roupa que buscavam oferecer um meio termo entre os ateliês exclusivos de moda sob encomenda e as roupas prontas das lojas mais populares.

Esse aspecto é evidenciado pela contratação de costureiras pela loja, através de anúncios nos “classificados” dos jornais.^{xviii} O provável êxito nas vendas também motivou a busca por vendedoras, desde que fosse “uma moça bem apresentada, com alguma prática de balcão”.^{xix}

Os anúncios da financeira *A Compensadora* situam a *Lebelson Modas* entre outras casas que se afirmaram como locais de consumo valorizados, como o *Parc Royal*, a *Luvária Gomes*, a *Barbosa Freitas* e a *Peleteria Canadá* (que se tornaria depois a *Casa Canadá*). O sistema de crédito possibilitava a seus clientes a compra parcelada “nos melhores estabelecimentos da cidade”.^{xx} Àquela altura, Israel Lebelson havia ingressado como sócio no Sindicato dos Lojistas.^{xxi}

O casal ganhou destaque social, a ponto de seus deslocamentos no “Trem de Prata” para São Paulo serem mencionados no noticiário mundano,^{xxii} bem como as conquistas escolares de suas filhas Regina e Stella no colégio Nossa Senhora da Estrela.^{xxiii} Havia escolas judaicas no Rio de Janeiro, como o Colégio Hebreu Brasileiro, na Tijuca, mas Chana preferiu matricular suas filhas em instituições católicas que tivessem o regime de internato.

Devotada aos negócios, não deveria ter muito tempo para cuidar das filhas. Embora Israel respondesse, de direito, pela propriedade e pelos atos civis relativos à loja, era sua mulher quem comandava, de fato, a empresa e a família:

Vovó era a vida da loja, e a loja era sua vida. Ela acordava, escovava os dentes, tomava café e ia para a loja, só voltava tarde. Em casa, o assunto era a loja. (Volocho, 2025).

Era vovó quem decidia tudo, vovô era “pau-mandado” da vovó (Lebelson, 2025).

Ela era durona, prática, objetiva, vovô era mais doce. Em um aniversário da vovó, não sabíamos o que dar de presente, mas como era ela quem fazia contas, dava descontos, calculava preços, resolvi dar uma máquina de calcular, daqueles primeiros modelos que não eram à manivela (Schachter, 2025).

Lembro de ir muito na loja com minha mãe, que trabalhava com a vovó na Álvaro Alvim. O piso de mármore do salão, as escadas douradas me impressionavam muito. Quando chegavam os fornecedores, vovô me tirava dali e me levava na Copenhagen, provavelmente para não atrapalhar. Era vovó quem fazia as reuniões (Goldbach, 2025).

Vovô era “a vovó”. Era no colo dele que a gente ficava, e era ele o mais carinhoso. Quem saía com a gente para comprar chocolate era ele. Ela era mais fria, não tinha tempo para a gente (Stambowsky, 2025).

Vovó tinha muito bom gosto. Era ela quem fazia tudo (Sterental, 2025).

Os depoimentos dos familiares que compartilharam do cotidiano de Chana e Israel Lebelson são unânimes em apontar a matriarca como a cabeça dirigente da empresa. É patente haver uma certa inversão de papéis tradicionais de gênero entre o casal: ela como autoridade empreendedora, ele como acolhedor da prole. Todos afirmaram que estavam sempre juntos, mas era Chana quem ficava preocupada, ansiosa e envolvida com os negócios, sem muito tempo para conceder aos netos, enquanto Israel era mais disponível para o afeto e a descontração.

É de se supor que Chana Lebelson pôde se beneficiar de uma série de circunstâncias próprias da vida judaica no leste europeu. A comunidade era atravessada por hierarquias de gênero bem demarcadas, especialmente na esfera religiosa: apenas os homens tinham acesso aos textos litúrgicos e deles se esperava o domínio daquele conteúdo, de forma a estarem aptos para assumirem seu lugar na sinagoga e como chefe de família.

Por outro lado, se as mulheres possuíam um status “inferior” no tratamento religioso, na esfera secular tinham considerável autonomia para ajudar suas famílias e participar de iniciativas filantrópicas. Trabalhar era uma atividade reconhecida como apropriada e normal para mulheres. Assim, além de cuidar das tarefas domésticas, muitas também participavam ativamente da vida pública e da vida comunitária, vivenciando certa liberdade e independência (Hyman, 1991, 222-239).

E, se não se dedicavam como os homens aos textos sagrados, nem por isso deixavam de valorizar a educação, algo internalizado em sua cultura. Com efeito, análises de contingentes judaicos provenientes do leste europeu indicam que, embora a grande maioria fosse pobre, nem por isso eram ignorantes: como exemplo, nos Estados Unidos, cerca de 63 por cento das mulheres judias que lá chegaram entre 1908 e 1912 eram letradas (Takaki, 2008, p. 267).

No Brasil do governo Vargas, esperava-se das mulheres colaboração com o marido e com a pátria, a serviço do lar e da prole. Mesmo com a conquista do direito ao voto feminino a partir do novo Código Eleitoral em 1932, eram intensos os debates sobre os direitos e dos deveres que caberiam a elas, com oscilações entre os defensores de maior emancipação e os que se ressentiam de sua presença no espaço público (Ostos, 2012, p. 313-343).

Os discursos médicos norteados pela higiene mental e pela eugenia revigoravam o lugar social que seria naturalmente atribuído às mulheres — o de boa esposa e mãe devotada, subordinada e fiel ao cônjuge —, enquanto para eles prevalecia a imagem do trabalhador, provedor e bom pai de família. O trabalho feminino era percebido pela moral hegemônica como prejudicial, uma verdadeira ameaça ao “destino natural” das mulheres, capaz de corromper suas relações com os homens. A entrada delas no mercado de trabalho era vista, muitas vezes, como uma “calamidade mental”, uma “mentira capaz de tornar as mulheres

rancorosas e machonas, afetando sua sexualidade”, enquadrada inclusive como desvio de conduta (Facchinetti, Carvalho, 2019, p. 16-18).

Ao liderar uma empresa comercial, Chana Lebelson personificava uma forma de viver que acenava com novos arranjos familiares e sociais, mas sua subversão das fronteiras de gênero não transparecia nos registros formais. O processo de naturalização de Chana Lebelson evidencia o descompasso entre o tratamento legal de seu status como cidadã e sua práxis diária como mulher de negócios.

Para o requerimento da sua nacionalidade brasileira, fazia-se necessária uma autorização marital. Ela foi descrita no Boletim de Sindicância como “doméstica” e portadora de “instrução primária”; alguém sem bens nem conta bancária, que vivia “às expensas de seu esposo”. Além da submissão financeira, era importante deixar claro que ela era destituída de ideias “dissolventes”: no campo “opinião política” do processo, o veredito foi que ela “não tem”. Durante o governo getulista, fica patente a discriminação de uma categoria cuja liberdade de expressão poderia ser cerceada. Chana Lebelson aparece em seu processo como uma mulher sem opiniões próprias, embora constasse nos autos que ela gostava de ler jornais.

Na prática, a situação era bem diversa. Mesmo com “instrução primária”, ela falava vários idiomas como o ídiche, russo, aprendeu francês e inglês, além de um ótimo português, ao contrário de Israel Lebelson: “vovô esqueceu o russo e nunca aprendeu português” (Shachter, 2025). E seu protagonismo no comando da loja era evidente, com decisão soberana sobre o sortimento oferecido, o público visado, a compra dos produtos, as formas de comercialização, enfim, todas as frentes relacionadas à administração de um negócio próprio.

Aos 14 anos, Regina Lebelson também começou a trabalhar na loja (Voloch, 2025), reforçando o time feminino por trás dos balcões e dos bastidores. A *Lebelson Modas* continuava a sublinhar, nos anos 1940, um direcionamento

elitista, voltada para “senhoras elegantes e de bom gosto” como público-alvo;^{xxiv} na contramão, o consumo naquela loja poderia conferir às clientes uma sensação de pertencimento àquele grupo seletivo.

Havia adaptações da moda às necessidades tropicais, disponibilizando “tailleurs em linho, shantung, panamás, vestidos de praia e passeio”,^{xxv} sem deixar de oferecer “peles, *sweters*, costumes de lã”^{xxvi} comumente usados na então capital federal. A enumeração de eventos que ensejariam a aquisição de modelos específicos reforçava o repertório de sociabilidades próprio de camadas burguesas, com fantasias para o carnaval, vestidos de baile, peças para “esporte, passeio, campo”,^{xxvii} festas de Natal e réveillon. Sem deixar de reverenciar matrizes europeias, a loja passou a contar também com uma “seção americana”,^{xxviii} na medida que os Estados Unidos cada vez mais disputavam espaço como referência cultural em meio à “Política da boa vizinhança” (Moura, 1984).

Novamente entre nós madame Ana Lebelson

Pelo avião da “Aerovias Brasil” regressou na quinta-feira dos Estados Unidos madame Ana Lebelson, proprietária da tradicional casa “Lebelson Modas”.

Como conseguimos apurar no aeroporto, madame Ana Lebelson acaba de trazer, diretamente das melhores casas de modas em Nova York, as últimas criações para as elegantes senhoras da nossa sociedade.^{xxix}

De olho na concorrência de estabelecimentos como a *Casa Canadá*, que realizou seu primeiro desfile de moda em 1944 (Seixas, 2020, p. 27), a *Lebelson Modas* também buscou, de forma esmerada, realizar os seus. Os locais escolhidos poderiam ser o Automóvel Club do Brasil,^{xxx} a boate *Night and Day* do Hotel Serrador,^{xxxi} ou mesmo a mansão de Henrique Lage, que atualmente abriga a sede da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Em um *garden party* realizado naquele palacete em benefício do Asilo dos Cancerosos, o desfile da Lebelson — cujas modelos seriam “moças da

sociedade”, entre elas Sarah Lebelson —, era uma das atrações principais, além de apresentações de orquestra sinfônica e dança espanhola.^{xxxii}

Israel Lebelson, que havia sido aprendiz de ourives na Polônia (Schachter, 2025), abriu em sociedade uma joalheria em 1944, a *Colibri*, também na Rua do Passeio, e foi identificado como “chefe da tradicional casa Lebelson-Modas [...], que muito tem contribuído para o desenvolvimento comercial de nossa metrópole, principalmente do bairro da Cinelândia”.^{xxxiii} Mas, se ele levava os créditos como empresário, as mulheres ganhavam destaque no mundanismo. O casamento de Regina Lebelson foi amplamente divulgado,^{xxxiv} com fotografias em páginas inteiras, um prestígio concedido a personalidades seletas.

A mobilidade social alcançada pelos Lebelson — assim como de tantos outros imigrantes judeus da mesma geração — ocorreu em um contexto específico, em meio a uma política discriminatória adotada pelo Estado Novo em relação a judeus e a difusão de propaganda antissemita entre nós nos anos 1930-1940. Movimentos sociopolíticos como a Ação Integralista Brasileira, ativos entre 1933 e 1938, difundiam estereótipos preconceituosos. E a partir de 1937, norteadas por ideais eugenistas, a ideologia estatal nacional passou a problematizar a “questão judaica” sob um viés xenófobo e anti-imigrante, em uma justaposição de racismo com nacionalismo.

Uma série de circulares secretas dirigidas ao corpo diplomático brasileiro foram emitidas com a intenção de cercear a entrada de judeus no país. Era possível divisar atitudes adversas no aparato estatal, presentes em órgãos da imprensa e em círculos intelectuais e políticos (Koifman, 2002, p. 103-190). A política imigratória era antissemita dentro da lógica do branqueamento e do propósito e “missão” que o imigrante branco teria para desempenhar no Brasil: casar-se, miscigenar-se. Os judeus que desejavam imigrar para o Brasil passaram a ser considerados “não-brancos” e, portanto, um perigo social, enquanto os judeus que viviam no

país eram aceitos como “não-negros”, representando assim um componente privilegiado da hierarquia social (Lesser, 1995, p. 27).

A mobilização patriótica, entretanto, não contaminou o cotidiano, sem que houvesse uma total adesão da sociedade ao discurso oficial. Em verdade, o governo (e parte das elites), por várias razões, não aprovava manifestações e ações antissemitas explícitas. Possivelmente compreendiam que a discriminação poderia tornar os judeus ainda mais “infusíveis”, menos assimilados aos demais brasileiros. Não houve impedimentos estruturais à ascensão dos imigrantes, que puderam alcançar ampla mobilidade social e liberdade cultural e religiosa. E mesmo com as restrições, os judeus já convertidos, com cônjuges não judeus, os que tinham dinheiro ou parentes por aqui (entre fins de 1938 e 1940), em muitos e muitos casos, conseguiram imigrar.

A chave da branquitude é um elemento importante no entendimento dos progressos dos imigrantes judeus no Brasil, beneficiados por um processo de “embranquecimento” especialmente após a Segunda Guerra Mundial (Gherman, 2022, p. 74-75). Por outro lado, para se estabelecer e ser reconhecido socialmente, não bastava ser branco. O esforço e o trabalho foram fatores cruciais naquela equação.

Se o antissemitismo, que encontra ecos na atualidade, não pode ser menosprezado, sua importância nas preocupações dos judeus que se encontravam no Brasil nos anos 1930 e 1940 era apenas relativa (Lesser, 1995, p. 61-84; Cytrynowicz, 2005, p. 287-314; Maio, Calaça, 2005, p. 436-469). Afinal, não poderiam se deter diante do *bullying* nas escolas não-judaicas, onde não raro eram chamados de “gringos”; das piadas explícitas nos periódicos e nas rodas de conversa; da proibição de serem admitidos como sócios na maioria dos clubes da cidade; e de tantas outras formas de preconceito e discriminação que rolavam à solta. A necessidade de sobrevivência era o que estava, de fato, no centro de suas preocupações.

É de se notar a adoção de codinomes por integrantes da família Lebelson. Chana passou a se chamar Ana; Rivca virou Regina; Sarah gostava de ser chamada de Sandra. Tal prática era comum entre judeus estrangeiros, que buscavam tornar seus nomes mais brasileiros e inteligíveis, em uma tentativa de integração à sociedade do país que os acolheu. Outro aspecto a ser considerado é o disfarce da origem judaica manifesta nos nomes originais, que poderiam despertar preconceito. No caso de Israel Lebelson, ele passou a usar a alcunha Isaac, mantendo em evidência sua etnia. Talvez a troca fosse para facilitar a pronúncia, talvez esse fosse seu nome no batismo em ídiche.

Finda a guerra, Chana Lebelson ajudou um sobrinho, Maurice Borenstein, filho de Frieda Landau, que havia falecido, a vir para o Brasil em 27 de novembro de 1946. Maurice escapou do morticínio ocorrido na Polônia pela invasão nazista, que vitimou boa parte da família; ele havia se mudado para a França para fazer faculdade. Quando os alemães invadiram Paris, ele conseguiu fugir de navio para a Inglaterra e se alistou no Exército da França Livre. Ao chegar no Brasil, Maurice ficou hospedado na casa de sua tia Chana, até aceitar um emprego em São Paulo e lá se estabelecer (Borenstein, 2025).

Os Lebelson encontraram aqui um terreno fértil para progredir financeira e socialmente, renegociando sua identidade judaica e sua brasilidade. Chana e Israel costumavam falar ídiche entre si; ele era fã do teatro, do humor e da literatura naquele idioma, que costumava ouvir em discos comprados por sua mulher e filhas no exterior (Voloch, 2025). Não eram ortodoxos, mas festas como Rosh Hashaná e Pessach eram celebradas em família, e todos costumavam ir ao Grande Templo Israelita no dia do Yom Kippur. A liberalidade era uma característica do judaísmo do casal, que sempre providenciava pratos não judaicos para os convidados não-judeus recebidos naqueles jantares.

E o Natal também era comemorado pela família, “desde que não houvesse árvore nem crucifixos” (Sterental, 2025). A festividade, enraizada na cultura local, era adaptada, destituída de seu caráter religioso católico, mas celebrada na troca de presentes e na afetividade do encontro. Ao longo dos anos, as mudanças de sua residência são indicativas da ascensão econômica do casal. Após os primórdios na Praça XI, moraram na Rua Bento Lisboa nº 72-1,^{xxxv} na Rua Senador Dantas nº 3,^{xxxvi} na Rua Senador Vergueiro nº 55 até conseguirem comprar o primeiro apartamento na Rua Paula Freitas, nº 42.

Em virtude da demolição do prédio da Rua do Passeio nº 42 em 1945 para a construção do projeto de Henrique Gladosch que aumentaria o Edifício Mesbla — originalmente projetado pelo arquiteto francês Henri Sajous (Canez, 2006, p. 401-408) — a *Lebelson Modas* liquidou seus estoques, leiloou seu mobiliário,^{xxxvii} e se mudou para a Rua Álvaro Alvim nº 21 em 16 de janeiro de 1947.^{xxxviii} Enquanto a nova sede não foi inaugurada, a loja foi transferida para o apartamento de residência dos *Lebelson*, no bairro do Flamengo.^{xxxix}

A fusão entre os domínios público e privado era o *modus vivendi* da família, independentemente do endereço oficial da loja. Não havia limites claros entre a vida pessoal e a vida empresarial, tanto para o casal como para suas filhas, todos envolvidos com a atividade cotidiana que lhes proporcionava sustento e ocupação integral.

A nova loja na Cinelândia era situada em um prédio de 3 pavimentos: no primeiro, havia vitrines e balcões; na sobreloja, ficavam os escritórios; e no subsolo havia um salão com “exposição permanente e ar-condicionado”.^{xl} Logo após a Segunda Guerra, enquanto as *maisons* francesas ainda não haviam se reerguido, os produtos americanos eram o grande atrativo da loja, tanto pela identificação com a modernidade quanto pela praticidade dos inovadores tecidos sintéticos: “Casacos de pelúcia, nylon, double face: a mais recente novidade recebida diretamente dos USA em cores

moderníssimas. Últimas criações dos costureiros novayorkinos. Corte impecável, elegantíssimos”.^{xli} Por terem se casado com norte-americanos, Stella e Sarah Lebelson se mudaram para os Estados Unidos, aumentando ainda mais a frequência da mãe àquele país, tanto para compras da loja como para visitá-las (Lebelson, 2025).

As bases da promoção comercial abraçadas nos anos 1940 — que incluía desfiles das coleções, iniciativas beneficentes e patrocínio cultural — foi mantida nas décadas seguintes. Nos anos 1950, a *Lebelson Modas* passou a fazer os figurinos para a *Fundação Brasileira de Teatro*, criada por Dulcina de Moraes e a *Companhia Os Artistas Unidos*, fundada por Henriette Morineau (Schenker, 2021, p. 27). Dessa forma, o nome da loja aparecia nos constantes anúncios e nas críticas dos espetáculos que eram semanalmente veiculados nos principais jornais.^{xlii}

Assim como o teatro, o cinema também estava no radar como ponto de cultura capaz de atrair um potencial público consumidor de moda. Quando o *Cinema Azteca* foi inaugurado em 1951 na Rua do Catete, houve uma sessão *avant-première* para convidados no edifício de pé direito alto, com “riquíssima decoração”.^{xliii} Foi exibido o filme *Doña Diabla*, sobre “os desajustamentos matrimoniais na alta roda”, que era estrelado por Maria Felix, tida pela revista *Life* como “a mais bela mulher do mundo e que teve em Paris o título de a mais elegante”. Na ocasião, a *Lebelson Modas* fez uma apresentação de vestidos inspirados na indumentária da atriz.^{xliv} Havia um interesse em atrelar a imagem da loja a referenciais de “luxo”, “beleza” e “elegância”, “alta-roda”, consagrados por um público privilegiado, impelido pelo desejo daquele universo.

A cada lançamento, as mostras “com modelos vivos” eram realizadas ora internamente, nas próprias instalações, ora em eventos externos. O amplo subsolo da Álvaro Alvim passou a ser utilizado como palco daqueles eventos, que a partir do final da década de 1940 voltaram a incluir peças de casas europeias como *Cristian Dior*, *Nina Ricci*, *Jacques Fath*, *Balenciaga* e

Schiaparelli, entre outros. Para ocasiões como a “temporada lírica” ou os páreos realizados no *Jockey Club*, a *Lebelson Modas* apresentava o que a imprensa considerava “o que a moda até a presente data conseguiu de melhor dos mais afamados costureiros italianos e franceses”.^{xlv} Os lançamentos na loja reverberavam de forma efusiva nos periódicos, com detalhes sobre os modelos, as modelos, fotografias, além de nome e sobrenome das convidadas.

Figura 2: Desfile da *Lebelson Modas* no subsolo da loja na Rua Álvaro Alvim, nº 21.



Fonte: Revista *Sombra*, n. 91, jun. 1949, p. 69.

A loja e suas protagonistas pareciam cada vez mais inseridas no horizonte das tradicionais esferas burguesas do Rio de Janeiro, o que certamente contribuía para o êxito dos negócios, voltados àquele público. Mas na vida privada as escolhas das mulheres da família Lebelson se diferenciavam de padrões rígidos de comportamento, conforme a moral estabelecida.

Em 1955, Sarah Lebelson se separou do marido e voltou com os 2 filhos para o Brasil. E no ano de 1963, Regina também encerrou seu casamento. Lembre-se que até 1977, quando foi promulgada a Lei 6.515, não havia divórcio no país. Sob forte influência da Igreja Católica, a dissolução do vínculo matrimonial era percebida como uma degeneração da ordem social, em meio a debates entre divorcistas e anti-divorcistas que eram travados no Congresso Nacional (Almeida, 2010).

Ambas voltaram a morar na Rua Senador Vergueiro, no mesmo edifício de seus pais, mas cada uma passou a alugar seu próprio apartamento. Chana e Israel Lebelson acolheram filhas e netos, sem julgamentos ou preconceitos em relação ao término dos casamentos (Lebelson, 2025). Regina, que já era o “braço-direito” de Chana, continuou a trabalhar na loja, assim como Sarah, que também ingressou na sua administração.

Em 1955, os desfiles migraram para a residência dos Lebelson, usada para a mostra da coleção, segundo a imprensa, “para dar maior suntuosidade”.^{xlvi} O apartamento no Flamengo era amplo, com duas salas e uma varanda envidraçada, comportava mais gente do que o salão da loja na Álvaro Alvim. As araras com as roupas ficavam pelos quartos (Voloch, 2025). Exibindo modelos de *Givenchy*, *Dior*, *Patou*, a crítica especializada concluiu que “com o domínio da sutil arte de vestir as mulheres, Mme. Ana Lebelson e suas filhas, com a valiosa cooperação de um grupo de modistas de altos méritos, podem apresentar constantemente uma coleção rica em ideias”.^{xlvi} Ao final daquele ano, o desfile da *Lebelson Modas* foi descrito como uma bela mostra de “*haute couture*”.^{xlvi}

O esquema-espetáculo atingiu o auge quando a *Lebelson Modas* firmou uma parceria com o *Chá da Acácia Dourada* a partir de sua segunda edição, em 1957.^{xlvi} O evento beneficente, organizado por Antonieta Franklin Leal em benefício da Associação de Proteção à Criança Surda, foi realizado no *Hotel Glória* e, nos anos subsequentes, passou aos salões do *Hotel Copacabana Palace*, onde também eram realizados os desfiles da *Canadá*.

O acontecimento anual se afirmou como uma verdadeira festa social, cenário de uma série de promoções pessoais e corporativas. Empresas de joias, chapéus, bolsas, perfumes, maquiagem e outros itens patrocinavam o programa do desfile, que continha detalhes como os nomes das peças, para que as clientes pudessem assinalar aquelas que fossem de sua preferência (Sterental, 2025). Entre as jovens que desfilavam, havia concursos dos “brotos mais elegantes do ano”, *i.e.*, aquelas que seriam votadas para alcançar o panteão da exibição e da influência entre seus pares.ⁱ Como um show, havia uma narração ao vivo com informações sobre os tecidos e o feitio de cada peça, executada por Ribeiro Martins, célebre locutor dos *Desfiles Bangu* e coordenador de concursos de fantasia no carnaval.ⁱⁱ A mobilização de *patronesses* era atribuição de “Mme. Franklin Leal” (Voloch, 2025), que arregimentava esposas de políticos e empresários proeminentes, com farta difusão pré e pós-evento.

Na esteira de um movimento levado a cabo por vários estabelecimentos do Centro, atraídos pelo potencial econômico do bairro praiano que estava em expansão (Lopes, 2014, p. 103), a *Lebelson Modas* inaugurou em 2 de março de 1961 uma filial em Copacabana, na Rua Raimundo Correa, nº 35-A.ⁱⁱⁱ A nova loja era “muito bem situada, [...], com ótimo salão de desfiles, onde um manequim permanente passa os modelos, em uma fresca área florida nos fundos”.ⁱⁱⁱⁱ Regina passou a ficar encarregada daquele ponto, enquanto Chana e Sarah cuidavam da matriz, com o auxílio de Dora (Stambowsky, 2025).

O estilo de vida delas, devotado ao trabalho, era digno de notícia, com retrato dos pormenores da rotina laboral em veículos de grande circulação. Em matéria de página inteira, plena de imagens fotográficas, o *Correio da Manhã* detalhava o cotidiano de Regina, que era formada em contabilidade pelo Instituto Lafayette:

Mesmo antes de casada, Regina já trabalhava na empresa dos pais, auxiliando na parte contábil [...]. Foi estendendo

suas atribuições [...], seleciona amostras de fazenda, escolhe modelos, determina a sua confecção e adaptação, estuda moldes, planeja os desfiles, recebe as freguesas, tudo isso sem se descuidar da parte administrativa e comercial. As suas 24 horas, portanto, estão muito ligadas ao seu dia de trabalho.

O que, por outro lado, não consegue prejudicar (nem poderia fazê-lo) a sua vida de casa, em torno de Abraão Isaac, Esther Sheila e Tania.

De casa para o trabalho — a que empresta todo seu entusiasmo e do qual se considera amplamente recompensada — do trabalho para casa, assim é a jovem Regina, brasileira que, como tantas outras, vai ajudando a fazer crescer esta nossa terra.^{liv}

O tom elogioso reconhecia o empreendedorismo feminino como um motor importante para o desenvolvimento nacional. Observe-se, não obstante, que havia condicionantes. A vida de Regina era descrita como inteiramente orientada ao trabalho — aceito como fonte de prazer e de proventos — mas havia a ressalva de que isso não a impedia de cuidar da casa, do marido e das filhas, ou seja, papéis que continuavam a ser indexados às mulheres, sujeitas à sobreposição de funções.

Além dela, suas irmãs e sua mãe compunham o time à frente da empresa, como uma equipe indissociável da moda como forma de sustento:

Elas e a moda

Tem-se a impressão de que elas não poderiam viver sem a moda! [...]

Regina, Sarah, Dora e Elizabeth aprenderam com Madame Lebelson a gostar da moda e trazê-la cada vez mais ao alcance de todas. Regina supervisiona as coleções, Sarah dirige uma das lojas, Dora é braço direito e a caçula, Elizabeth, sempre que seu trabalho permite,

cede à tentação de improvisar em mannequin para seu próprio prazer.^{lv}

Elizabeth, a caçula temporã, foi a única a não se envolver diretamente na loja; na época, ela trabalhava como secretária na Embaixada de Israel.^{lvi} Chana e suas filhas não se restringiram aos encargos domésticos nem aos nichos ocupacionais tipicamente femininos para mulheres com escolaridade mais elevada, em sua maioria professoras ou enfermeiras (Bruschini, 1994, p. 179-199). Entre as décadas de 1930 e 1960, menos de 20% das brasileiras trabalhavam fora de suas casas (Mariucci, Nalesso, 2006, p. 47). Mas para as mulheres da família Lebelson, a realidade do trabalho produtivo já havia sido normalizada.

A *Jacques Heim* e *Casa Canadá* dominavam a alta costura carioca (Rainho, 2019), mas a *Lebelson Modas* já havia se firmado entre os principais lançadores de moda que abarcavam desde vestidos *toilette* por encomenda até o *prêt-à-porter*, visando oferecer um luxo mais acessível. “Tinha de tudo. Roupas de fornecedores, roupa importada, fazia também sob medida” (Goldbach, 2025). A amplitude do sortimento é evidenciada na autorrepresentação como provedora de “Haute Couture e Boutique”.^{lvii}

A tendência de tentar abarcar as vastas necessidades das clientes fez com que a própria *Canadá* abrisse a linha *Boutique*, de roupas prontas, com “*slaks*, vestidinhos e chapéus combinados, saias e modelos informais”.^{lviii} Junto com a *Lebelson Modas*, compunham o rol de estabelecimentos que se destacavam naquele segmento, incluindo as concorrentes *Mariazinha*, *Hermínia*, *Polly Modas*, *Mônaco*, *Príncipe de Gales*, *Celeste Modas*, entre outras.

Figura 3: Editorial de verão, todo com modelos *Lebelson*.



Fonte: *Vida Doméstica*, n. 490, jan. 1959, p. 24-25.

Nas décadas de 1970 e 1980 a loja manteve seu protagonismo, antecipando tendências e figurando nas principais revistas de moda como *Cruzeiro*, *Fon-Fon*, *Manchete*, em editoriais assinados, por exemplo, por Gilda Chataigner,^{lix} com modelos como Elke Maravilha e Veluma. Entre as clientes de renome, Dercy Gonçalves (que levava as Lebelson às gargalhadas), Alcione, Belita Tamoyo, Julieta e Beth Serpa, Lucy Bloch, Anna Bentes, Edna Savaget (Stambowsky, 2025; Voloch, 2025).

As atividades foram encerradas na década de 1990, após o falecimento de Chana e Israel em 1989 e a morte precoce de Dora Sterental em 1980. Sarah e sua filha Marcia Lebelson continuaram com marca própria; Monica Stambowsky também possui, em sociedade com o marido, uma rede de lojas; Claudia Goldbach se dedicou à produção de moda por anos. Transmitido por gerações, o legado de Chana Lebelson parece não arrefecer.

Considerações Finais

Chana e Israel Lebelson chegaram ao Brasil como imigrantes, sem muitos recursos, escapando de condições adversas. Em poucos anos conseguiram se estabelecer, fundar um negócio de sucesso que se manteve durante 6 décadas, educar suas 5 filhas e usufruir de uma vida confortável, com privilégios. Através de sua loja, foram difusores de um modelo de varejo de moda que encontrou respaldo em seu público, sintonizados às transformações materiais do vestuário e da cidade, às alterações de hábitos e comportamentos, antecipando e conformando tendências

Os Lebelson encontraram meios de inserção cultural, social e econômica, alcançando os mais altos degraus na escala hierárquica de classes, em um contexto de fragmentação e desigualdade próprio do país que escolheram. Puderam ajudar outros judeus, trazendo parentes da Europa que, como eles, cheios de esperança, projetos e sonhos, desejavam sobreviver de forma digna.

Sua vivência faz pensar na complexidade da história judaica no Brasil, que não se restringe a formulações genéricas, segundo as quais os imigrantes teriam sido acudados e perseguidos durante os anos 1930 e 1940. A “questão judaica” era um problema real durante o Estado Novo, mas os judeus que aqui estavam não eram necessariamente meras vítimas passivas do Estado e sua ideologia oficial. O percurso exitoso dos Lebelson eleva sua condição de sujeito ativo na realidade na qual se encontravam inseridos, em negociação diária com a sociedade, e apontam para experiências multifacetadas experimentadas por judeus no Brasil.

O protagonismo de Chana Lebelson e suas filhas no comando de uma empresa comercial de moda acenava com modelos de feminilidade modernos, que alargavam as fronteiras de normalidade dos papéis sociais de gênero. Consciente ou inconscientemente, elas estavam alinhadas a

ideais emancipatórios pelos quais as mulheres poderiam tomar consciência de seu valor individual e social através do trabalho e de sua personalidade.

Prevaleceu, naquela família, uma atitude liberal e libertária em relação às escolhas individuais, maritais ou laborais, e à forma como praticavam seu judaísmo. A *Lebelson Modas* concorreu para a consolidação de um mercado comercial e a propagação da moda feminina; enquanto as representações de si conformadas por suas protagonistas concorreram para uma das muitas faces de nossa identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel de Moura.

Rompendo os vínculos, os caminhos do divórcio no Brasil: 1951-1977. Tese (Doutorado), UFG, Goiânia, 2010.

BRAGA, J. & PRADO, L.A. **História da Moda no Brasil:** das influências às autorreferências. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

BRUSCHINI, Cristina. (1994). O Trabalho da Mulher Brasileira nas Décadas Recentes. **Revista Estudos Feministas**, número especial, Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

CANEZ, Anna Paula. **Arnaldo Gladosch:** o edifício e a metrópole. Tese (Doutorado), UFRGS, Porto Alegre, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Judeus na moda e nos negócios do Rio Imperial. **Revista Morashá**, n. 113, nov. 2021, p. 62-70.

CONCEIÇÃO, Marina de Figueiredo; MORI, Fabiana Milano. A importância da Casa Canadá na História da Alta Costura Brasileira. **Anais do 11º Colóquio de Moda**, 2015.

CYTRYNOWICZ, Roney. Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940. *In*: GRINBERG, Keila (org). **Os judeus no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 287-314.

FACCHINETTI, Cristiana; CARVALHO, Carolina. Loucas ou modernas?:

mulheres em revista (1920-1940). **Cadernos Pagu**, n. 57, Campinas, SP, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FVG, 2006.

GRINBERG, Keila. Judeus, judaísmo e cidadania no Brasil imperial. *In*: GRINBERG, Keila (org). **Os judeus no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 199-218.

HYMAN, Paula. Gender and the Immigrant Jewish Experience in the United States. *In*: BASKIN, Judith (org.). **Jewish Woman in Historical Perspective**. Detroit: Wayne State University Press, 1991, p. 222-239.

KOIFMAN, Fábio. **Quixote nas trevas:** o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

_____. **Imigrante ideal:** O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2012.

KONTIC, Branislav. **Inovação e redes sociais:** a indústria da moda em São Paulo. Tese (Doutorado), FFLCH, USP, São Paulo, 2007.

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras:** mulheres judias e prostituição. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

LEICHTER, Sinai. The History of the Jewish

- Community of Minsk. *In*: **Minsk**: Ir va- Especial, 2006.
em, v. 2. Jerusalem: Ed. Shlomo Even-Shushan, 1975.
- Disponível em: French. **All in a lifetime**. Garden City: https://www.jewishgen.org/yizkor/minsk/min1_005.html#Page7. Acesso em 20 mai. 2025.
- LESSER, Jeffrey. Imigração judaica no Rio de Janeiro. *In*: WORCMAN, Suzane. **Heranças e Lembranças**: imigrantes judeus no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ari, MIS, CIEC, 1991.
- _____. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995.
- LOPES, Ana Claudia Lourenço Ferreira. **A Celeste Modas e as butikues de Copacabana nos anos 1950**: produção de pret-à-pôrter, consumo, modernidade e sociabilidade. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.
- MAIO, Marcos Chor; CALAÇA, Carlos Eduardo. Um balanço da bibliografia sobre o anti-semitismo no Brasil. *In*: GRINBERG, Keila (org). **Os judeus no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 420-470.
- MARIUCCI, Elza Marques da Silva; NALESSO, Ana Patricia Pires. A mulher _____. Jacques Heim e a na perspectiva do mercado de trabalho expansão da moda francesa no Brasil dos no Brasil. **Iniciação Científica Cesumar**, v. 08, n.01, p.43-48 - Edição Camila Borges da; MONTELEONE, Joana
- MORGENTHAU, Henry; STROTHER, em: French. **All in a lifetime**. Garden City: Doubleday, Page & Company, 1922.
- MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- OSTOS, Natascha Stefania Carvalho de. **A questão feminina**: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagú**, n. 39, jul-dez. 2012, p. 313-343.
- PRADO, Luís André do. **Indústria do vestuário e moda no Brasil do século XIX a 1960**: da cópia e adaptação à autonomização subordinada. Tese (Doutorado em História Econômica), FFLCH, USP, São Paulo, 2019.
- RAINHO, Maria do Carmo. Notas sobre a presença de um costureiro francês no Rio de Janeiro (1958-1967). **Anais do 9º Colóquio de Moda**, 2013, p. 1-11.
- Disponível em: <https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202013/ARTIGOS-DE-GT/Artigo-GT-Moda-Cultura-e-Historicidade/Notas-sobre-a-presenca-de-um-costureiro-frances-no-Rio-de-Janeiro-1958-1967.pdf>
Acesso em: 20 mai. 2025

(orgs). **A história na moda, a moda na**

história. Rio de Janeiro: Alameda Editorial, 2019.

RIBEIRO, Paula. Multiplicidade étnica no Rio de Janeiro: um estudo sobre o 'Saara'. **Revista Acervo**, v. 10, n. 2, jul/dez 1997, p. 199-211.

Disponível

<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/263/263>

Acesso em: 20 mai. 2025

ROZIN, Aharon. The Jewish Community in Minsk from 1917-1941. In: **Minsk: Ir va-em**, v. 2. Jerusalem: Ed. Shlomo Even-Shushan, 1975.

Disponível

https://www.jewishgen.org/yizkor/minsk/min2_005.html#Page7

Acesso em: 20 mai. 2025

SAMET, Henrique. **Poucos e muitos:** A Comunidade Judaica E Seus Desviantes Na Cidade Do Rio De Janeiro (1850-1920). Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SCHENKER, Daniel. Teatro Copacabana: o comércio elegante na cena de Henriette Morineau. **Revista Aspás**, v. 11, n. 2. USP-PPGAC, 2021, p. 23-36.

SEIXAS, Cristina. **Casa Canadá** — a questão da cópia e da interpretação na produção de moda na década de 1950. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2020.

TAKAKI, Ronald. **A Different Mirror:** A History of Multicultural America. New York: Little, Brown and Company, 2008.

ENTREVISTAS:

ALEXANDRA, Miriam: depoimento [mai. 2025]. Sobrinha-Neta de Chana e Israel Lebelson. Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025. Gravação de áudio digital. Acervo particular.

BORENSTEIN, Roberto: depoimento [mai. 2025]. Sobrinho-Neto de Chana e Israel Lebelson. Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025. Gravação de áudio digital. Acervo particular.

GOLDBACH, Claudia: depoimento [mai. 2025]. Neta de Chana e Israel Lebelson. Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025. Gravação de áudio digital. Acervo particular.

LEBELSON, Marcia: depoimento [mai. 2025]. Neta de Chana e Israel Lebelson. Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025. Gravação de áudio digital. Acervo particular.

SCHACHTER, Richard: depoimento [mai. 2025]. Neto de Chana e Israel Lebelson. Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025. Gravação de áudio digital. Acervo particular.

SPECTOR, Ilana: depoimento [mai. 2025]. Neta de Cecília Landau e Luiz Kaufman. Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025. Gravação de áudio digital. Acervo particular.

STAMBOWSKY, Monica: depoimento [mai. 2025]. Neta de Chana e Israel Lebelson. Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025. Gravação

de áudio digital. Acervo particular.
STERENTAL, Angela Lebelson.
depoimento [mai. 2025]. Neta de Chana
e Israel Lebelson. Entrevistadora:
Marissa Gorberg. Rio de Janeiro: 2025.
Gravação de áudio digital. Acervo
particular.

VOLOCH, Sheila: depoimento [mai.
2025]. Neta de Chana e Israel Lebelson.
Entrevistadora: Marissa Gorberg. Rio de
Janeiro: 2025. Gravação de áudio digital.
Acervo particular.

Notas

- ⁱ Processo de Naturalização de Chana 1934, p. 13.
Lebelson, Arquivo Nacional.
Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_A9/0/PNE/16797/BR_RJANRIO_A9_0_PNE_16797_d0001d_e0001.pdf
Acesso em: 08 mai. 2025
- ⁱⁱ Arquivo Nacional, Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras
Associação: Rio de Janeiro (RJ) - Nível 3.5.
Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_OL/0/RPV/PRJ/18603/BR_RJANRIO_OL_0_RPV_PRJ_18603_d0001de0001.pdf
- ⁱⁱⁱ Certidão de Casamento de Chana Landau e Israel Lebelson.
Disponível em <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSK3-3?i=1&cc=2323232>
Acesso em: 10 mai. /2025.
- ^{iv} A Rua Senador Euzébio foi destruída nas obras de construção da Av. Presidente Vargas, mas o mesmo nome foi reutilizado em outro logradouro, atualmente no bairro do Flamengo
- ^v *Gazeta de Notícias*, n. 176, 26/07/1927.
- ^{vi} *O Jornal*, n. 2.705, 29/09/1927, p. 6.
- ^{vii} *Praça de Santos*, n. 2.084, 30/09/1927, p. 7.
- ^{viii} *Praça de Santos*, n. 2.100, 16/10/1927, p. 5.
- ^{ix} *Jornal do Brasil*, n. 101, 20/04/1933, p. 20.
- ^x *A Batalha*, n. 921, 02/03/1933, p. 8.
- ^{xi} *A Noite*, n. 8205, 27/09/1934, p. 11.
- ^{xii} *Diário Carioca*, n. 1.694, 08/02/1934, p. 5. Ver também: *Jornal do Brasil*, n. 31, dez. 1948, p. 66.
- ^{xiii} *A Noite*, n. 8.771, 16/06/1936, p. 4.
- ^{xiv} *A Noite*, n. 8.924, 11/12/1936, p. 5.
- ^{xv} Por determinação da Diretoria de Fiscalização da Prefeitura, se o letreiro não estivesse aceso, por qualquer motivo, a loja deveria comunicar por telefone à Delegacia sob pena de autuação.
Jornal do Brasil, n. 240, 09/10/1936, p. 23.
- ^{xvi} *O Cruzeiro*, n. 25, 25/04/1931, p. 4.
- ^{xvii} *Vida Doméstica*, n. 218, 1936, p. 86
- ^{xviii} *Jornal do Brasil*, n. 185, 08/08/1937, p. 2.
- ^{xix} *Jornal do Brasil*, n. 295, 17/12/1937, p. 26.
- ^{xx} *Correio da Manhã*, n. 13.017, 18/04/1937, p.23.
- ^{xxi} *Gazeta de Notícias*, n. 20, 24/01/1937, p. 8.
- ^{xxii} *O Imparcial*, n. 13.017, 18/04/1937, p.23.
- ^{xxiii} *Jornal do Brasil*, n. 304, 21/12/1934, p. 14.
- ^{xxiv} *Jornal das Moças*, n. 1.310, 27/07/1940, p. 15.
- ^{xxv} *A Manhã*, n. 374, 25/10/1942, p. 3.
- ^{xxvi} *Diário Carioca*, n. 5.360, 11/12/1945, p. 12.
- ^{xxvii} *O Jornal*, n. 7.276, 28/02/1943, p. 19.
- ^{xxviii} *Jornal do Brasil*, n. 248, 20/10/1940, p. 9.
- ^{xxix} *O Jornal*, n. 8.045, 21/07/1946, p. 6.
- ^{xxx} *Revista Sombra*, n. 42, mai. 1945, p. 76.
- ^{xxxi} *Diário da Noite*, n. B04325, 12/06/1947, p. 3.
- ^{xxxii} *Diário da Noite*, n. 4.796, 04/11/1948, p. 20. Ver também: *Revista Sombra*, n. 85, dez. 1948, p. 66.

- xxxiii *A Cena Muda*, n. 44, 31/10/1944, p. 26.
- xxxiv *A Cena Muda*, n. 41, 12/10/1943, p. 2. Ver também: *Revista da Semana*, n. 44, 30/10/1943, p. 16.
- xxxv *Almanaque Laemmert*, n. 87, 1931, p. 1.321.
- xxxvi Processo de Naturalização de Chana Lebelson, Arquivo Nacional. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_A9/0/PNE/16797/BR_RJANRIO_A9_0_PNE_16797_d0001de0001.pdf. Acesso em: 30 mai. 2025.
- xxxvii *Jornal do Commercio*, n. 29, 04/11/1945, p. 28. Ver também: *Diário de Notícias*, n. 6.972, 17/07/1945, p. 7.
- xxxviii *Correio da Manhã*, n. 16.022, 26/01/1947, p. 22.
- xxxix *Diário de Notícias*, n. 7.142, 03/02/1946, p. 9.
- xl *Correio da Manhã*, n. 16.028, 02/02/1947, p. 27.
- xli *Correio da Manhã*, n. 16.050, 02/03/1947, p. 26.
- xlii *Correio da Manhã*, n. 18.013, 18/07/1951 e *A Noite*, n. 15.672, 18/07/1957, *Segundo Caderno*, p. 6.
- xliii *Gazeta de Notícias*, n. 225, 30/09/1951, p. 6.
- xliv *Jornal dos Sports*, n. 6780, 02/10/1951, p. 4 e *Jornal dos Sports*, n. 6788, 11/10/1951, p. 2.
- xlvi *Correio da Manhã*, n. 17.593, 23/07/1950, p. 10 e *Correio da Manhã*, n. 18.442, 10/05/1953, p. 10.
- xlvi *Vida Doméstica*, n. 447, jun. 1955, p. 75.
- xlvi *Vida Doméstica*, n. 447, jun. 1955, p. 74.
- xlvi *Vida Doméstica*, n. 452, nov. 1955, p. 95.
- xlvi *Revista da Semana*, n. 41, 12/10/1957, p. 27.
- l *Jóia*, n. 42, ago. 1959, p. 4.
- li *Revista do Rádio*, n. 811, 03/04/1965, p. 3.
- lii *Correio da Manhã*, n. 20.840, 03/03/1961, p. 16.
- liii *Correio da Manhã*, n. 20.848, 12/03/1961, p. 65.
- liv *Correio da Manhã*, n. 20.252, 05/04/1959, p. 92.
- lv *Correio da Manhã*, n. 21.605, 08/09/1963, p. 74.
- lvi *Correio da Manhã*, n. 20.771, 10/12/1960, p. 16.
- lvii Anúncio no Programa do Teatro Municipal, 1961. Disponível em: http://www.museusdoestado.rj.gov.br/sigam/arquivos/FTM/documentos/043756_1555950965.pdf. Acesso em: 15 mai. 2025.
- lviii *Correio da Manhã*, n. 21.094, 31/12/1961, p. 42.
- lix *Manchete*, n. 1.196, 22/03/1975, p. 158.